

DELEUZE: "como criar um corpo sem órgãos"?

Bárbara Lucchesi Ramacciotti *

RESUMO:

O texto "como criar para si um corpo sem órgãos" faz parte do programa Mil Platôs e compõe o projeto deleuziano de criação de uma filosofia prática. No livro *Espinosa e a filosofia prática* (1970), Deleuze defende que a *Ética* de Espinosa inaugura uma nova concepção de filosofia prática. A chave desse novo projeto encontra-se em dois elementos centrais: na teoria da substância única e imanente e na concepção dinâmica e cinética de corpo. Pretendemos examinar como Deleuze desdobra seus conceitos de "plano de imanência" e de "corpo sem órgãos", a partir dois elementos centrais da *Ética*.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia prática. Plano de imanência. Corpo cinético e dinâmico. Corpo sem órgãos.

* Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Membro do Grupo de Estudos Espinosanos (GEE-USP). Membro do GT-ANPOF- Deleuze. Doutora em Filosofia (USP-2002). Mestre em Filosofia (UFRJ - 1995).

¹ DELEUZE. G. *Espinosa e a filosofia prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

Introdução

O projeto de criação de um “corpo sem órgãos” integra o programa da filosofia prática de Deleuze e Guattari, sendo um dos temas centrais de alguns capítulos dos livros nascidos desta parceria, como por exemplo: em *Anti-Édipo* (1972): Cap. I As máquinas desejantes e em *Mil platôs* (1980), o capítulo I do vol. 3: “Como criar para si um corpo sem órgãos” (CsO). Neste último, os autores observam que o CsO “não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas” (1980, p.9). O que é esta prática que cria para si um CsO? Com o objetivo de responder a esta questão, adotamos o seguinte percurso: 1º) examinaremos o livro *Spinoza et la philosophie pratique* (1970/2002), sobretudo o capítulo VI “Espinosa e nós”, pois nele encontramos várias pistas para compreender como Deleuze deriva das concepções espinosanas de substância única e de corpo cinético e dinâmico seus conceitos de “plano de imanência” e de “corpo sem órgãos” (CsO); 2º) teceremos algumas considerações sobre a fórmula: “como criar para si um CsO” exposta em *Mil platôs*.

1. Filosofia prática e plano de imanência

No livro *Espinosa e a filosofia prática* (1970/2002)², Deleuze defende que a *Ética* apresenta um novo modelo de filosofia prática, sendo seus elementos nucleares: 1) a teoria da unicidade e da expressividade da substância imanente; 2) a concepção cinética e dinâmica do corpo. O conceito espinosano da substância única ou da única Natureza é compreendido por Deleuze como um “plano de imanência” comum a todos os seres singulares ou aos “modos de vida” dos corpos e indivíduos:

[...] uma única Natureza para todos os corpos, uma única Natureza para todos os indivíduos, uma Natureza que é ela própria um indivíduo variando de uma infinidade de maneiras. Não é mais a afirmação de uma substância única, é a exposição de um plano comum de imanência em que estão todos os corpos, todas as almas, todos os indivíduos. Esse plano de imanência ou de consistência não é um plano no sentido de desígnio no espírito, projeto, programa, é um plano no sentido geométrico, seção, interseção, diagrama. Então, estar no meio de Espinosa é estar

² DELEUZE, G. *Espinosa e a filosofia prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

nesse plano modal, ou melhor, instalar-se nesse plano; o que implica um modo de vida, uma maneira de viver. Em que consiste esse plano e como construí-lo? (DELEUZE, 2002, p.126).

O que significa definir a substância única como um plano de imanência e um plano modal? Sabemos que na Parte I da *Ética*, Espinosa demonstra que só existe uma substância que é causa de si e em si (P 1-7) e que todas as coisas existentes são produto desta causa eficiente (EI, P25). A substância única e imanente é também denominada Deus. (ESPINOSA, 2012). Contudo, o Deus de Espinosa é este que "age exclusivamente pelas leis de sua natureza" (EI, P17), sendo estas as leis da própria Natureza. Só há uma substância, porque não pode existir "na natureza das coisas, duas ou mais substâncias de mesma natureza" (EI, P5) e porque "uma substância não pode ser produzida por outra substância" (EI, P6). Já que a substância infinita (EI, P13) e eterna (P19) é a única causa de si e em si, logo ela opera como causa livre (EI, P17), imanente (EI, P18), eficiente (EI, P25) e necessária (EI, P29) de todas as coisas, sendo expressa em infinitos atributos infinitos (EI, P11) e em infinitos modos: "Ora, nada é dado afora substâncias e modos" afirma Espinosa (Cf. EI, P15 dem.).

Deleuze em *Spinoza et le problème de l'expression* (1968) já havia desenvolvido uma rigorosa leitura da teoria da substância única. No texto de 1970, porém ele parte da teoria da substância imanente ou da "única Natureza" para desdobrar seu conceito de "plano de imanência". A distinção estabelecida por Espinosa entre substância transcendente e substância imanente é transposta para a distinção deleuziana entre o "plano de imanência" e o "plano de transcendência". O plano de imanência é designado como um "plano de consistência" ou um "plano modal", pois todas as coisas e indivíduos existem como coisas singulares em ato e expressam a "única Natureza". Já o plano de transcendência remete para uma instância teleológica, posta acima ou para além das coisas e dos seres efetivos, que opera como um poder incondicionado que determina ou condiciona a finalidade de toda existência:

Chamamos plano teológico toda organização que vem de cima e diz respeito a uma transcendência, mesmo oculta: desígnio no espírito de um deus, mas também evolução nas profundezas supostas da Natureza, ou ainda organização de poder de uma sociedade. Tal plano pode ser estrutural ou genético, e os dois ao mesmo tempo; ele se refere sempre a formas e a seus desenvolvimentos, a sujeitos e a suas formações. (DELEUZE, 2002a, p.133).

O plano de imanência é, portanto, aquele que "não dispõe de uma dimensão suplementar: o processo de composição deve ser captado por si mesmo, mediante aquilo que ele dá, naquilo que ele dá. É um plano de composição, e não de organização nem de

desenvolvimento" (2002a, p. 133). Esta leitura deleuziana da teoria da unicidade e da expressividade da substância imanente sustenta a tese da filosofia espinosana como um novo modelo de "filosofia prática". Já que a causalidade imanente não existe separada dos modos que a expressam, a formulação de tal conceito implica na compreensão dos modos de existência singular, ou seja, implica em uma filosofia prática. Em outras palavras: a "única Natureza" não pode operar como uma instância para além das coisas singulares existentes em ato, pois a substância única necessariamente manifesta-se como modo, ou seja, como as afecções de uma substância (pela def. 5, EI), ou como "um modo de vida" e "uma maneira de viver". Nestes termos, a substância única espinosana ou o plano de imanência deleuziano só podem ser concebidos como um processo contínuo de manifestação das velocidades, das intensidades, dos movimentos das partículas e das cargas afetivas constitutivas de todas as coisas:

Não há mais formas, mas apenas relações de velocidade entre partículas ínfimas de uma matéria não formada. Não há mais sujeito, mas apenas estados afetivos individuantes da força anônima. Aqui, o plano só retém movimentos e repousos, cargas dinâmicas afetivas: o plano será percebido como aquilo que ele nos faz perceber, passo a passo. (DELEUZE, 2002, p.133).

O texto *Espinosa e a filosofia prática* põe a seguinte questão: "Em que consiste esse plano e como construí-lo? Pois é ao mesmo tempo completamente plano de imanência, e, todavia deve ser construído, para que se viva de maneira espinosista" (2002a, p.128). Esta mesma questão é retomada nos *Mil platôs*, só que agora nos seguintes termos: "Como criar para si um corpo sem órgão?" (2008, p.9). A definição da filosofia de Espinosa como uma filosofia prática implica, portanto, na análise do que é e de como se constrói um plano de imanência ou um corpo de intensidades em um plano de imanência. Desta leitura, surge a questão: como criar para si um "corpo sem órgãos"? Deleuze e Guattari (D&G) advertem que o CsO "não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática", como vimos acima. Isto porque a criação de CsO exige uma prática ou um modo de vida, assim como a *Ética* espinosana exige a atividade simultânea entre o corpo e a mente para transformar a impotência e a tristeza em potência de agir e pensar e alegria de viver. A relação entre a concepção espinosana do corpo cinético e dinâmico e a questão: "como criar um CsO?" é enfatizada por D&G quando observam:

Finalmente, o grande livro sobre o CsO não seria a *Ética*? Os atributos são os tipos ou gêneros de CsO, substâncias, potências, intensidades Zero como matrizes produtivas. Os modos são tudo o que se passa: as ondas e as vibrações, as

migrações, limiares e gradientes, as intensidades produzidas sob tal ou qual tipo substancial a partir de tal matriz. (D&G, 2008, p.14).

2. O que pode o corpo e o corpo sem órgãos?

Deleuze, em *Nietzsche et la philosophie* (1962/1988), já havia destacado a posição original e revolucionária de Espinosa, o primeiro filósofo a propor a questão "o que pode um corpo": "Espinosa abriu para às ciências e para à filosofia uma nova via: não sabemos o que *pode* um corpo, afirma ele, falamos da consciência, do espírito, (...), mas não sabemos do que um corpo é capaz" (DELEUZE, 1988, p.44). O texto referido é o seguinte: "O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo". E continua: "a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo – exclusivamente pelas leis da natureza enquanto consideradas apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente – pode ou não pode fazer" (ESPINOSA, EIII, P2, escólio). Espinosa além de desenvolver uma física do corpo, para responder a questão o que pode um corpo, estabelece "o corpo" como um "novo modelo" para a filosofia, observa Deleuze:

Espinosa propõe aos filósofos um novo modelo: o corpo. Propõe instituir o corpo como modelo: 'Não sabemos o que pode o corpo...'. Esta declaração de ignorância é uma provocação: falamos da consciência e de seus decretos, da vontade e de seus efeitos, dos mil meios de mover o corpo, de dominar o corpo e as paixões. (DELEUZE, 2002a, p.23).

A Parte II da *Ética* demonstra que entre os infinitos atributos infinitos da substância única conhecemos apenas dois: o pensamento (EII, P1) e a extensão (EII, P2). Mas o que é e o que pode o corpo? O corpo é um modo finito do atributo extensão (def.1), é uma coisa singular (dem. lema 3, EII P13), composta por vários indivíduos, que também são compostos por outros indivíduos (lemas 4,5,6,7, PII,13). Isto significa que os corpos não se distinguem entre si pela substância, mas pela união dos corpos ou indivíduos que o compõe (EII, P13, def. axm.2, lema 3). O que caracteriza a união constitutiva de um corpo é a proporção definida "pelo movimento, pelo repouso, pela velocidade e pela lentidão" desses indivíduos que o compõem "e não pela substância" (lema 1, PII,13).

Deleuze identifica no texto sobre a filosofia prática duas definições simultâneas do corpo na *Ética*: uma cinética e outra dinâmica. A proposição cinética é esta que "define um corpo por relações de movimento e repouso". O conceito espinosano de corpo não se define,

portanto, pela forma ou pela função, por exemplo, pela forma e função orgânicas. Ao contrário, as funções que são definidas em termos do movimento e do repouso, ou seja, pela propriedade cinética. A proposição dinâmica concebe o corpo como um poder de afetar e de ser afetado: "um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e de ser afetado que define um corpo na sua individualidade" (DELEUZE, 2002a, p.128 Cf. E II, lema 3, axm 1). Em resumo, o corpo não se define pela forma dos órgãos nem pela função orgânica, nem como uma substância ou um sujeito, mas pelo movimento e repouso de suas partículas e pelo poder de afetar, ou "pelos afetos de que é capaz" (idem, 2002a, p.129). Espinosa inova quando define o corpo humano ou de um animal por esse poder de afetar e de ser afetado, sem ser determinado a agir pela mente, tal como amplamente difundido pelas definições clássicas do dualismo psicofísico, que estabelece a hierarquia de comando da mente sobre o corpo.

Para compreender porque o conceito-prático do corpo sem órgãos é tributário da *Ética*, ou mais especificamente das proposições cinética e dinâmica do corpo, é preciso o conceito espinosano do *conatus*. O *conatus* é definido na Parte III da *Ética* como: "o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar no seu ser" (EIII, P7, P8). A mente é uma coisa que pensa, por isso persevera em seu ser quando produz ideias, sejam as claras e distintas (adequadas) sejam as confusas e parciais (inadequadas). Sendo a mente uma ideia do corpo, logo "o que é primeiro e primordial para nossa mente é o esforço por afirmar a existência de nosso corpo" (EIII, P10 dem.). Continua Espinosa na EIII, P11: "Se uma coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de agir de nosso corpo, a ideia dessa coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de pensar de nossa mente". Disso aferimos que, tanto as afecções do corpo quanto as ideias da mente são definidas em termos do aumento ou da diminuição da potência interna ou do *conatus*.

A definição espinosana do corpo humano como *conatus* circunscreve-se ao âmbito da física dos corpos e não a uma concepção do corpo como organismo, pois a biologia e a química enquanto ciências nem haviam surgido. Por isso, Deleuze delimita a proposição cinética ao âmbito da energia cinética dos corpos físicos, pois esta trata da variação do movimento e do repouso dos corpos ou das partículas, enquanto a cinética química, em contrapartida, analisa a variação da velocidade das reações químicas entre as substâncias. Seria um anacronismo pensar em um corpo orgânico no âmbito da Pequena Física dos corpos de Espinosa, exposta entre as proposições 13 e 14 da Parte II da *Ética*. Entretanto, Deleuze quando afirma que a cinética do corpo em Espinosa não remete ao organismo, não quer dizer

com isto que a concepção espinosana de corpo seja limitada em função do contexto científico do século XVII. Deleuze pretende exatamente o contrário, mostrar que o modelo cinético e dinâmico do corpo enquanto *conatus* é mais amplo, pois a função orgânica é apenas uma das dimensões do corpo humano e não sua totalidade:

Com efeito, a proposição cinética nos diz que um corpo se define por relações de movimento e de repouso, de lentidão e de velocidade entre partículas. Isto é: ele não se define por uma forma ou por funções. A forma global, a forma específica, as funções orgânicas dependerão das relações de velocidade e de lentidão. (...) O importante é conceber a vida, cada individualidade de vida, não como uma forma, ou um desenvolvimento de forma, mas como uma relação complexa entre velocidades diferenciais, entre abrandamento e aceleração de partículas. Uma composição de velocidades e de lentidões num plano de imanência. (DELEUZE, 2002a, p.128).

O privilégio do registro físico em relação ao orgânico não significa o desconhecimento da química ou da biologia enquanto ciências nem o desprezo do corpo orgânico como sugere o conceito "corpo sem órgãos", empregado por D&G. Essa expressão, tomada de empréstimo de um texto de Artaud, visa designar a concepção mais ampla do corpo, que não se limita ao organismo, nem ao corpo humano. O que se pretende por em evidência com o conceito de CsO é a ideia de corpo enquanto corpo complexo e dinâmico, constituído por uma multiplicidade de outros corpos, como afirma Espinosa: "alguns dos corpos que compõem um corpo"(EIII, P13, lema 4). O CsO põe em relevo a variação das intensidades ou das energias internas: "O CsO está a caminho desde que o corpo se cansou dos órgãos" (D&G, 2008, p.10); " Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. (...) Ele é matéria intensa e não formada, não estratificada (...) Matéria igual a energia" (DELEUZE, 2002a, p.13). O exame da composição cinética e dinâmica do corpo exposta no texto de 1970 já prepara o terreno para a formulação do conceito de CsO, posto que o CsO é preenchido por intensidades ou pela energia cinética dos corpos em movimento: "Somente as intensidades passam e circulam" (G&G, 2008, p.13). Por isso D&G concebem o CsO como um "ovo pleno anterior à extensão do organismo e a organização dos órgãos", isto é, como o "ovo intenso que se define por eixos e vetores, gradientes e liminares, tendências dinâmicas com mutação de energia, movimentos cinemáticos" (D&G, 2008, p.14).

O conceito de energia é formulado pela Física apenas no século XIX, designa a grandeza que surge da relação entre dois corpos ou sistemas físicos, é, portanto, um conceito relacional. Em linhas gerais, energia (*enérgeia*, em grego) significa a capacidade de um corpo

para realizar uma ação, literalmente significa que algo está em trabalho ou em *ergo* (em grego). Quando um corpo afeta outro corpo ou é por ele afetado, nesta relação há troca de energia entre os corpos. A proposição dinâmica refere-se justamente a esse poder dos corpos de afetar e de ser afetado. Deleuze observa que a *Ética* espinosana na medida em que funda uma ciência dos afetos para analisar os tipos de afetos humanos pode ser considerada como uma Etologia, isto é, como uma ciência dos modos de vida ou do comportamento humano. Enquanto a Etologia, ciência que foi criada apenas em 1930, analisa o comportamento humano e animal a partir das ações que podem ser observadas por serem constantes e características de uma espécie, sexo ou faixa etária; Espinosa, no século XVII, estabelece a base de sua ciência ética sobre bases menos empiristas e mais dinâmicas, pois investiga os tipos de comportamento humano tendo por objeto a variação da potência dos afetos, ou seja, a variação do *conatus* ou da energia cinética e dinâmica do corpo e da mente relação de afetar e ser afetado: "A *Ética* de Espinosa não tem nada a ver com uma moral, ele a concebe como uma etologia, isto é, como uma composição das velocidades e das lentidões, dos poderes de afetar e de ser afetado nesse plano de imanência" (DELEUZE, 2002a, p.130).

Sabemos que para Espinosa, a variação da potência de um corpo quando afeta ou é afetado se expressa como aumento ou diminuição do *conatus*, ou seja, como aumento ou diminuição da existência ou da essência do homem, já que ambas (existência e essência) expressam a realidade em ato de uma coisa. Na proposição 18, da Parte IV, Espinosa define o *conatus* como o próprio desejo: "o desejo é a própria essência do homem, isto é, o esforço pelo qual o homem se esforça por perseverar no seu ser". Porém, o aumento e a diminuição da potência do *conatus* se expressa respectivamente por meio dos afetos de alegria e de tristeza (Cf. EIII, P11 esc.). Para Deleuze (2002), a etologia ou ciência espinosana do comportamento permite compreender que cada corpo humano ou animal seleciona no mundo ou na Natureza aquilo que o afeta ou é afetado por ele, pois reage positiva ou negativamente diante das coisas, seleciona seus alimentos, seus venenos.

Não obstante, a definição dos corpos a partir do poder de afetar e ser afetado não implica apenas no exame teórico das relações de composição e de decomposição dos corpos, mas também no experimento ou na prática dessas relações: "trata-se de saber se relações (e quais?) podem se compor diretamente para formar uma nova relação mais "extensa", ou se poderes podem se compor diretamente para constituir um poder, uma potência mais "intensa" (2002, p.131). Nestes termos, o problema posto em *Espinosa e a filosofia prática*: como criar de um plano de imanência a partir da concepção cinética e dinâmica do corpo enquanto

conatus (desejo) é reformulado por Deleuze e Guattari com a questão: "Como criar para si um CsO?" Neste texto, o CsO é definido como "o *campo de imanência do desejo*" e como "o *plano de consistência* própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo)" (D&G, 2008, p.15).

Mas o que é o desejo? O desejo em termos espinosanos é o *conatus*, o esforço de perseverar na existência (EIII, P7). O que significa este esforço de perseverar? Não significa a simples conservação do corpo-mente como algo estático, pois o corpo não é uma substância extensa, mas um modo de expressão do atributo extensão. O modo da extensão não se limita à matéria extensa, orgânica e inorgânica, pois o corpo é composto por uma infinidade de corpos menores, de partículas em movimento, de energia cinética e dinâmica. O que importa na consideração física do corpo é mais sua composição enquanto afeto e intensidades em movimento do que sua composição como uma unidade orgânica ou mecânica e uma identidade centrada no sujeito.

Dentro desse referencial teórico, D&G defendem uma concepção afirmativa do desejo como circulação das intensidades, como variação das potências, expressas pelos afetos alegres e tristes, em contraposto à concepção psicanalítica tradicional do desejo como falta (D&G, 2008, p.15-16). Recusam também a redução da prática terapêutica ao trabalho de síntese do Eu enquanto unidade e identidade. Para D&G, o campo de imanência não é interior ao Eu, mas também não vem de um Eu-exterior ou de um não-eu. Ele é antes como o Fora absoluto que não conhece mais o Eu, porque o interior e o exterior fazem igualmente parte da imanência na qual eles se fundiram (idem, 2008, p.18). Para a filosofia-prática, experimental e terapêutica de D&G, "tudo é permitido", pois "o que conta somente é que o prazer seja o fluxo do próprio desejo", para tanto é preciso que a Imanência ou o plano de imanência composto na experiência com as múltiplas intensidades não seja interrompido por uma medida estabelecida pela "sombra dos três fantasmas postos pela cultura": "a falta interior, o transcendente superior, o exterior aparente".

D&G desfilam ao longo do texto uma série de tentativas de criação do CsO, as quais experimentam o corpo como intensidade e não como um organismo determinado pelas leis da evolução natural. O corpo do Hipocôndriaco, do paranoico, do esquizo, do drogado, do masoquista e do taoista: "Mas porque este desfile lúgubre de corpos costurados, vitrificados, catatonizados, aspirados, posto que o CsO é também pleno de alegria, de êxtase, de dança?" (D&G, 2008, p.11). Essas experiências de corpos-intensos experimentam o desejo não como a

falta de algo, pois o desejo é vivido como a presença de uma intensidade que pode até se expressar como desprazer: a busca pela doença (hipocondria), pela dor (masoquista), pela loucura ou desrazão (drogado), pelo medo (paranoico), pelo não-ejaculação (taoista). Sobre este último exemplo, observam que a não-ejaculação é a condição para que haja a circulação entre a energia feminina (Yin) e a energia masculina (Yang):

Não se trata de sentir o desejo como falta interior, nem retardar o prazer para produzir um tipo de mais-valia exteriorizável, mas, ao contrário, de construir um CsO intensivo, Tao, um campo de imanência onde nada falta ao desejo e que, assim, não mais se relaciona com critério algum exterior ou transcendente. (D&G, 2008, p. 19).

Considerações Finais

A questão de como criar para si um CsO implica em múltiplas problemáticas presentes no projeto de filosofia prática elaborado por D&G. Nossa pesquisa teve por objetivo apontar alguns elementos implicados na criação de um CsO, tendo por referencial teórico a leitura de Deleuze sobre Espinosa e o projeto comum da filosofia prática de D&G. Entre tais elementos destacamos:

1º) A teoria espinosana da expressividade da substância única como modos singulares, segundo Deleuze, implica não somente na recusa da concepção tradicional de substância como causa transcede e separada das coisas e criaturas criadas, mas na formulação de uma concepção original de substância imanente, que opera como um “plano de imanência”. A causa eficiente, natural e necessária, para Espinosa, opera como causalidade eficiente e imanente nas próprias coisas singulares, isto que Deleuze denomina: “plano de consistência” dos modos ou “plano modal”, pois a potência infinita da única Natureza não existe para além das coisas e corpo singulares, existentes em ato. A leitura deleuziana sugere substituir a concepção mecânica dos corpos e a biologia dos corpos orgânicos pela concepção cinética e dinâmica do corpo enquanto um corpo-complexo-plural de intensidades. O paradigma da física das partículas subatômicas é mais adequado para pensar o modelo espinosano de corpo enquanto *conatus*, isto é, enquanto força, esforço, potência ou intensidade produzida na relação de afetar e ser afetado. Compreendemos a concepção de corpo sem órgãos a partir desse modelo dinâmico do corpo de intensidades ou de energias em relação em contraponto à concepção mecanicista do corpo sólido, extenso e material. Este modelo da física clássica serve de suporte para a concepção do corpo como um organismo já

dado, fechado e determinado pela causalidade natural reduzida à lei da evolução natural e às funções orgânicas e ao funcionamento dos órgãos.

2º) A concepção do CsO como campo de imanência do desejo implica na recusa da concepção psicanalítica do desejo como falta, pois o desejo não se efetiva como negação de algo que falta, mas como afirmação de algo que se quer. Entretanto, esse quer pode conduzir tanto ao aumento como à diminuição da potência, tudo depende do modo como o desejo é determinado: se há autodeterminação ou se é determinado por uma causa externa. Em Espinosa, a autonomia ou liberdade do desejo ou do *conatus* significa ser causa total ou adequada de seus pensamentos, sentimentos e ações. Contudo, para Espinosa ser causa de si ou agir e pensar com liberdade não tem nada a ver com a noção tradicional de livre arbítrio ou vontade livre, pois esta é considerada pelo filósofo como uma ficção³: “Por conseguinte, qualquer que seja a maneira pela qual [a vontade] é concebida, seja finita seja infinita, requer uma causa pela qual seja determinada a existir e a operar; e por isso (pela def. 7) não pode ser dita causa livre, mas somente necessária ou coagida” (EIII, P 32, demonstração). Tudo que ocorre na mente ou no corpo é determinado pela causalidade imanente e natural, isto significa que naturalmente somos seres afetivos e que somos afetados por outros corpos, ideais, afetos, ou seja, não podemos escolher quando tais coisas produzem em nós um afeto alegre ou uma paixão triste, mas podemos escolher e decidir “reverter o sentido de nossa relação com o que nos afeta”, como observa Kehl (2009, p.127). Para alcançar a liberdade e a felicidade é preciso experimentar modos ou maneiras de viver que intensifiquem nossa potência interna ou nosso *conatus*, ou seja, substituir a passividade ou a servidão às paixões tristes pelos modos de vida regidos pelos afetos alegres, pela autodeterminação e liberdade de ação e pensamento.

3º) Não obstante, o programa de criação de um CsO como um plano de imanência do desejo proposto por D&G implica na desconstrução da figura do Sujeito como unidade, identidade e síntese e do corpo como organismo. No lugar do Ego-autocentrado e do corpo-máquina, ou seja, do organismo estruturado por órgãos e suas funções, surge a "máquina desejante" descentrada e o CsO. Nestes termos, a realização do desejo como forma de intensificação da potência não significa preencher uma falta ou um fantasma postos pelo Eu como meio para reencontrar a si-mesmo: "Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre o seu eu,

³ “os homens equivocam-se ao se reputarem livres, opinião que consiste apenas em serem cômicos de suas ações e ignorantes das causas pelas quais são determinados. Logo, sua ideia de liberdade é esta: não conhecem nenhuma causa de suas ações. Com efeito, isso que dizem, que as ações humanas dependem da vontade, são palavras das quais não têm nenhuma ideia. Pois todos ignoram o que seja a vontade e como move o Corpo; aqueles que se jactam do contrário e forjam uma sede e habitáculos da alma costumam provocar ou o riso ou a náusea.” (*Ética*, EIII, P35 esc.).

seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação" (D&G, 2008, p.11). A experimentação para criar para si um CsO, segundo D&G implica em uma prática antipsicanalítica.

Referências

ESPINOSA. B. *Ética*. Tradução do GEE-USP. São Paulo: Edusp, 2012 (no prelo).

_____. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu. 2. Ed. Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DELEUZE. G. *Spinoza: Philosophie Pratique*. Paris: Minuit, 1981.

_____. *Nietzsche et la Philosophie*. Paris: PUF, 1988.

_____. *Espinosa e a Filosofia Prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002a.

_____. *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Minuit, 2002b.

DELEUZE & GUATTARI. "*Como criar para si um corpo sem órgãos*". In *Mil Platôs*. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alli. São Paulo: Ed. 34, 2008.

KEHL, M.R. *Sobre Ética e Psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELEUZE: "how to create a body without organs?"

ABSTRACT:

The text "how to create for himself a body without organs" is part of the *Thousand Plateaus* and composes the Deleuzian project of creating a practical philosophy. In the book *Spinoza and Practical Philosophy* (1970), Deleuze argues that Spinoza's *Ethics* inaugurates a new conception of practical philosophy. The key to this new project is in two central elements: 1) a theory of one substance immanent; 2) the conception of kinetic and dynamic body. We intend to examine how Deleuze deploys these two central elements of Spinozistic *Ethics* his concepts of "plane of immanence" and "body without organs".

Keywords: Philosophy practice. Single substance. Plane of immanence. Body kinetic and dynamic. Body without organs.

DELEUZE: "comment créer un corps sans organes"?

RÉSUMÉ:

Le texte «comment se créer un corps sans organes» fait partie de la *Mille Plateaux* et compose le projet deleuzienne de créer une philosophie pratique. Dans le livre *Espinosa et philosophie pratique* (1970), Deleuze avait déjà soutenu que *l'Éthique* de Spinoza inaugure une nouvelle conception de la philosophie pratique. La clé de ce nouveau projet est en deux éléments centraux: 1) une théorie de la substance immanent et unique; 2) la conception de corps dynamique et cinétique. Nous avons l'intention d'examiner comment Deleuze déploie ces deux éléments centraux de *l'Éthique* spinoziste ses concepts de «plan d'immanence» et «corps sans organes».

Mots-clés: Philosophie pratique. Substance unique. Plan d'immanence. Corps cinétique et dynamique. Corps sans organes.

Recebido em: 20.08.2012

Aprovado em: 01.09.2012

©2012 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista